

# O HERALDO

Director, proprietario e administrador

**JOSÉ MARIA DOS SANTOS**  
RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

## MARIA MAGDALENA

No domingo, de manhã cedo, as mulheres galileias que na noite de sexta feira haviam embalsamado o corpo a toda a pressa, voltaram à cova em que elle fôra provisoriamente depositado. Eram: Maria Magdalena, Maria Cleophas, Salomé, Joanna, mulher de Khonza, e outras. Provavelmente chegaram cada uma por sua vez, pois é difficil pôr em duvida a tradição dos tres Evangelhos synopticos, e por outro lado é certo que nos dois relatos mais authenticos que possuímos da resurreição, Maria de Magdala desempenha o principal papel. Em resumo, foi ella quem teve a parte mais activa n'este solemne acto, e a ella havemos de seguir passo a passo, pois tomou sobre si, n'aquelle dia, todo o trabalho da consciencia christã; o seu testemunho decidiu da fé do futuro.

Recordemos que a cova em que tinha sido enterrado o corpo de Jesus estava feita ou cavada na rocha recentemente e situada n'um jardim proximo do logar da execução. Por isto mesmo fôra escolhido aquelle logar, visto que era tarde e se tornava mister não faltar ao preceituado descanso do sabbado. Unicamente o primeiro Evangelho acrescenta uma circumstancia: que o logar pertencia a José de Arimathea. Mas, em regra, as circumstancias anecdoticas apontadas pelo primeiro Evangelho não tem importancia para o fundo commum da tradição, sobre tudo quando se trata dos ultimos dias da vida de Jesus. O mesmo Evangelho menciona outro detalhe que, visto o silencio dos demais, não é digno de credito: o facto de terem sido postos sellos e guardas no sepulcro. Recordemos tambem que as fossas funerarias eram umas cavidades á flôr da terra, abertas n'uma rocha inclinada em que se praticava um corte vertical. A porta, collocada ordinariamente na parte superior, fechava-se por meio de uma pedra pesada, que encaixava n'uma ranhura. Estas tumbas não tinham ferrolhos nem chave; o peso da pedra era a garantia unica que possuíam contra os ladrões ou os profanadores. Por isso eram arranjadas de maneira que fosse preciso, para levantar a pedra, ou uma machina ou o esforço reunido de muitas pessoas. Todas as tradições estão de accordo em que na sexta-feira á noite a pedra foi collocada no orificio da fossa.

Todavia quando Maria Magdalena chegou no domingo pela manhã, a pedra não estava no seu logar. A cova estava aberta. O corpo já não se encontrava lá dentro.

A idea da resurreição ainda não germinara no seu espirito. O que por inteiro a occupava era uma terna magua e o desejo de prodigalisar os cuidados funebres ao corpo do seu divino amigo. Os

seus primeiros sentimentos foram, portanto, a surpresa e a dor. O desaparecimento d'aquelle corpo querido roubava-lhe a ultima alegria que sonhara: já não o tocariam mais as suas mãos!... Que teria acontecido?... A idea de uma profanação acudiu-lhe á mente, e revoltou-a. Ao mesmo tempo um raio de esperanza atravessou talvez o seu espirito,

Sem perder um momento, corre a uma casa onde Pedro e João estavam reunidos: «Roubaram o corpo do Mestre, disse-lhes e não sei para onde o terão levado!» Os dois discipulos levantam-se apressadamente e correm o mais que podem. João, mais moço, chega primeiro. Desce para ver o interior da cova. Maria tem razão. O tumulto estava vazio. As roupas que tinham servido para o enterro encontravam-se espalhadas na fossa. Pouco depois chega Pedro. Ambos entram de novo, examinam as roupas, manchadas de sangue, sem duvida, e particularmente chama-lhes a attenção o sudario que cobrira a cabeça, e que ficara dobrado a um canto. Pedro e João regressam a casa summamente perturbados. Se não pronunciaram a palavra «Resuscitou» pôde-se afirmar que a pronunciarão, e que o dogma do christianismo está já fundado.

Sahidos do jardim Pedro e João Maria Magdalena ficou sósinha á beira do sepulchro. Chorava abundantemente. Preoccupava-a uma só idéa: onde estava o corpo? O seu coração de mulher não desejaria senão ter ainda por algum tempo entre os braços o cadaver muito amado! Subito, ouve atraz de si um ligeiro ruido. Um homem está em pé. Imagina a principio que é o jardineiro. «Oh! brada-lhe, se foste tu que levaste o seu cadaver, diz-me onde o puzeste, para que eu fuja com elle!»

Por unica resposta, ouve chamar pelo seu nome: «Maria!» Era a voz que tantas vezes a fizera estremecer. Era a accentuação de Jesus. «Meu Senhor!» exclamou. Quer total-o. Uma especie de movimento instinctivo inclina-a para lhe beijar os pés. A visão affastase d'ella e adverte-lhe: «Não me toques.»

Pouco a pouco a sombra desaparece; mas o milagre do amor está feito. O que Caephás não pôde fazer, fel-o Maria: ella soube arrancar a vida, a palavra doce e penetrante, do tumulto vasio.

Já não se trata de consequencias a deduzir, nem de conjecturas a formar. Maria viu e ouviu. A resurreição tem já o seu primeiro testemunho immediato!

(Dos Apostolos).

Ernesto Renan.

**JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO**  
E  
**ANTONIO CERQUEIRA**  
Advogados

Rua do Ouro, 149, 2.º

## FLORES DA PASCHOA

Docemente, o velho tinha aberto a porta do hortejo, e ficára attento, com o ouvido á escuta, perscrutando o silencio.

No ar sereno e branco fluctuavam todos os perfumes matinaes, os ultimos bocejos das flôres que se espreguiçam. Descia a paz a tudo; muito longe um sino repicava a saudação paschal, n'um alegre trinado em que parecia haver ouro e sol, poeira de pedras raras e claras, seios de creanças.

O velho sorriu, deu um passo na terra humida, sobre a erva; e, nos bicos dos pés, veiu postar-se mais longe, olhando para as janelas fechadas. Havia alguma coisa no seu olhar azul faiança que raivava pela ironia e nos fios brancos da sua grande barba de propheta luzia uma grave ondulação de amizade.

Nenhum rumor de bondade em volta, a não ser o rumor natural de uma fresca manhã de primavera, com trilos vivos nos ninhos, esvoaçar das primeiras azas, caminho do infinito.

O velho abriu a cancella pintada de verde, enfiou pelas ruas inundadas de flôres das brancas macieiras, com um alegre esfregar de mãos e um olhar agradecido para a Altura. Lepido, com uma agilidade de moço namorado, mettiu as mãos palos espinhos das rosas, cortou braçados d'ellas, torcendo-as na haste, pondo no brilho aveludado das petalas uma fulguração do seu olhar acariciador e meigo. No seu caminho levantavam-se as borboletas iriadas, e n'uma trepedeira de baunilha e madresilva houve um estremerimento que aromou todo o ar. Foi-se depois aos trevos e aos junquinhos; e, sentado no chão, emergindo de um banho, perfumado de rosas, poz-se a escoltel-as, combinando as côres—o escarlate ao meio, sangrando sobre brancuras de espuma, as raizadas franjando em toda a volta o fresco ramallete, as amarellas ternas pondo uma mancha de melancolica saudade na gritante harmonia. Havia na sua larga face bondosa uma irradiação de alegria e nas suas bemditas mãos de velho um tremor de felicidade, infantil e descuidada.

Era um costume antigo, por aquelle tempo de Benção—desde noivos—vêr qual dos dois se levantava mais cedo para ir colher no orvalho as primeiras flores desabrochadas. Elle, mais apegado ao calor da cama, friorento como um passaro sem penas, ficava quasi sempre vencido n'aquelle empreza florida porque ao abrir os olhos dava logo com o grande ramo mettido no jarro de louça azul, á cabeceira.

Esse anno, porém, a primavera começára doce, quente mesmo; e vencendo o demonio do Bem-Estar que o puxava debaixo dos cobertores, saltou para o sobrado, vestiu-se á pressa, e, ás apalpadellas, sahiu para o jardim, rindo-se na alma por ser o primeiro, n'essa Paschoa, a dar os bons dias perfumados á cariciosa companheira.

O ramo feito, levantou-se, compôz um ar galante, e erguendo acima da cabeça aquella aureola verdejante e orvalhada, sorriu para as flores que ficavam, para os passaros que já andavam nos ramos, para o ceo que lhe enviava uma benção de luz: dir-se-hia um conquistador levando á namorada os trophéos da victoria.

Mas ao a abrir portinha pintada

de verde vacillaram-lhe as pernas, teve de encostar-se ao tronco amigo de uma macieira, com uma vermelhidão nas faces e uma grande magua no olhar claro.

Ao fundo, espreitando-o da janella com a touca branca fluctuando como grande lilaz acima de um braçado de flôres soltas, a cariciosa companheira sorria-lhe docemente—sorriso aromal de felicidade que não acaba.

José Sarmiento.

## IN ILLO TEMPO...

(RECORDAÇÕES DA VIDA ACADEMICA)

III

(Continuação)

Installados a bordo do vapor, em que deviamos atravessar o Tejo, o Gil, talvez para aspiarecer maguas, começou logo a fazer rapapés a uma vistosa hespanhola, que tambem ia na 3.ª classe, enquanto eu me relacionava com Prior de S. Martinho das Amoreiras e dois lavradores que o acompanhavam.

Chegados á Casa Branca, apeia-se o Gil e, chamando-me de parte, pede-me com insistencia que lhe passe para as mãos a carteira em que havia ainda algum dinheiro, pois desejava estar prevenido para a hypothese—aliás inesperada. dizia elle—de ser surpreheudido pelo revisor.

Comquanto eu entendesse que o Gil não precisava da carteira, mas apenas da importancia do dinheiro para o bilhete, cahi em entregar-lh'a.

Fui uma má ideia! Elle vai entrar para o compartimento em que d'antes ia, mas como visse ahí o revisor, retrocedeu para entrar n'outro.

N'isto o comboio parte, e o Gil lá fica na estação, enquanto eu sigo para Beja, onde nunca ainda estivera, levando apenas no bolso 50 réis em cobre!

Cheguei a Beja ás 11 horas da noite, com a minha pequena mala de viagem e os meus 50 réis no bolso do collete, no dia 9 d'agosto, occasião de feira n'aquella cidade do Alentejo.

Chamei um moço, entreguei-lhe a mala e disse-lhe que me levasse para o hotel mais proximo da estação.

A minha ideia era esperar alli que o meu companheiro apparecesse, certo de que elle arranjará em Beja, como alvittrára, o dinheiro que nos era preciso.

Entrei no hotel, pedi um quarto e quiz pagar ao moço com o meio tostão que possuia, attendendo a que o hotel distava, apenas uns 100 metros da estação, a mala era pequena, e sobretudo a que... não tinha mais dinheiro!

O moço porém é que se não conformou com estas razões da minha mente, e queria maior retribuição pelo seu trabalho...

Para grandes males grandes remedios!

Disse-lhe que viesse ao outro dia, que não tinha alli mais dinheiro trocado.

Tomei alguma coisa e deitei-me, mas mal podia conciliar o somno, a pensar na situação a que me via reduzido.

De manhã, encomendei o almoço para dois e dirigi-me á estação em cata do meu companheiro, que deveria chegar no primeiro comboio.

Apaream-se todos os passageiros, mas o Gil não appareceu!

Comecei a estar apprehensivo por elle e por mim.

—Que seria feito d'aquelle demonio, e que faria eu?!

Já retirava desanimado da estação quando sinto que alguém por detraz de mim me tapa os olhos com as mãos, fazendo-me cahir as lunetas que estiveram a ponto de se quebrar!

Era o Gil que, não sei porque motivo, sahira da carruagem só muito depois de ter retirado toda a gente!

Censurei-o indignado pela aventura em que me mettera e exigi-lhe a entrega da carteira, em que—seja dito de passagem—apenas faltavam uns 800 réis, mas como era preciso saber de Beja, e na sua mão estava a chave mysteriosa que me deveria abrir as respeitivas portas, puz-me de bom humor e convidei-o a vir almoçar no hotel em que me alojara, e que lhe indiquei.

Mas isso é impossivel, diz-me elle! Quando estudei no Lyceu d'aqui fiquei devendo de hospedagem nesse hotel 25000 e tal reis, e tu comprehendes bem que na pennria em que estou, não podendo saldar ainda essa divida, o melhor é não me fazer lembrado. Não vou lá, e tu arranja um pretexto e vem juntar-te comigo no outro hotel, que demais a mais é melhor que esse.

Assim fiz: informei que o meu companheiro não chegava e que por isso ia retirar.

Paguei e fui juntar-me ao Gil no outro hotel, aonde se achava hospedado o meu collega Amadeu Ferreira d'Almeida, ao tempo estudante no Lyceu de Beja.

Depois de ter ido vêr a feira e a cidade, recolhi ao hotel, para descansar um bocadinho, enquanto o Gil sahia em procura dos amigos, que lhe haviam de emprestar o dinheiro de que precisavamos para concluir a viagem.

Voltou ás 4 da tarde, perguntando-me se eu não quereria ir para Mertola, em nuna esplendida carrinha alemtejana d'um moço seu conhecido, que se lhe deparára na feira.

O que eu sobretudo desejava era apauhar-me em casa, e por isso accetaria de bom grado qualquer meio de transporte que se me offerecesse, mesmo que fosse balão, quanto mais um carro de carga, que o meu companheiro affirmava ser de 4.ª ordem.

—Que sim, respondi. Partiriamos quando quizesse, com tanto que apauhassemos o vapor que no dia seguinte fazia a carreira de Mertola para Villa Real.

A's 6 da tarde, depois de termos jantado e eu ter pago toda a despesa do hotel, partimos para Mertola, conforme o combinado, em um carro de carga de uma só muar, sentados ambos sobre um caixote vasio, coberto por nuna boa pelle de carneiro, que o conductor

por amabilidade nos preparára, para que o percurso, que é de 12 leguas, nada, meues se fizesse com mais alguma commodidade.

Eu não sei se entre os meus raros leitores haverá algum tão antigo que se lembre ainda de que era aquelle percurso, no tempo em que, para se ir a Lisboa, era preciso percorrê-lo em diligencia!

Só esse é que poderá fazer uma ideia approximada do que seria essa travessia feita de noite e em um incommodo carro de carga!

Lembro-me que, quando escureceu de todo, já tinham terminado as ferteis campinas de Beja, e se avistavam apenas charnecas vastissimas de um e outro lado da estrada.

A' meia noite proximoamente parámos á porta de uma estalagem mal alumada por uma candeia de ferro

suspensa da parede, a luz da qual uma rapariguita nada feia fazia uma renda grosseira.

Achei poetico tudo aquillo! Bebemos cada um o seu calice de aguardente, fumamos um cigarro, e dado a cavalgada o conveniente descanso, continuamos a nossa jornada para Mertola, onde chegamos já sol nado.

A villa, alondorada na encosta de um monte, começava a despertar para a vida. Havia já abertas algumas portas. O sol de agosto, quente logo de manhã, inundava de luz a povoação e os campos circumjacentes. O Guadiana em baixo parecia um regato, e n'elle se viam ancorados o vapor da carreira e algumas pequenas embarcações.

Era domingo. Perguntamos a que horas havia maré para a sahida do vapor.

—Hoje não ha vapor, responderon-nos alguém, porque é domingo!

Esquecera-nos esta circumstancia: que nas carreiras diarias do vapor do Guadiana não se comprehendem os domingos, que são deslizados ao descanso das quilhas, das aguas e... naturalmente da tripulação!

Evidentemente, a sorte continuava-nos adversa!

Chamei então o Gil para pagar ao conductor do carro, visto que o meu dinheiro eram apenas 615 reis, e elle ainda não havia gastado um ceitil do dinheiro que pedira em Beja.

Qual dinheiro! O Gil, visto se lhe ter deparado um transporte mais barato, resolvera não pedir cousa alguma!

E agora? Deu-se um tostão ao homem, e o Gil prometeu mandar-lheo frete em breve, e ficamos por esta forma com 515 rs.

A fallar a verdade, ainda até agora não perguntei ao Gil se sempre pagou ao carreiro o dinheiro do frête...

(Conclua no proximo numero)

J. C.

ASPECTOS

FORASTEIROS

Março, com a sua temperatura amena e os seus lindos dias de sol, inicia uma das mais bellas estações no nosso paiz. As arvores começam a florir, os campos cobrem-se de relva e os jardins preparam a sua «toilette» multicolor e garrida. Se Portugal fosse um dos paizes indicados no roteiro permanente do mundo forasteiro, seria esta a epocha em que augmentaria o movimento de «touristes» provenientes da Europa central, enquanto a gente do norte daria a preferencia á temporada d'inverno. Se estes factos se não realisam nas proporções que as bellezas da nossa terra e as condições climatericas da nossa situação tornam plausivel, a culpa é nossa, é muito nossa.

Partir, viajar, levar uma vida nomada, é uma das caracteristicas do nosso tempo. Antigamente corria-se o mundo em busca da fortuna que, alcançada, se vinha gosar tranquillamente no secco do lar. Hoje acaba-se por onde se começava; é a fortuna adquirida que nos leva pelo mundo fóra; em toda a parte estamos na nossa patria, em qualquer parte estamos em nossa casa, se a acção do clima corresponde ao nosso temperamento e se o meio agrada ao nosso espirito e ao nosso caracter.

Esta feição da vida moderna, favorecida pelo progresso crescente dos meios de transporte, creou uma sociedade cosmopolita e errante que augmenta de anno para anno e constitue um mundo viajante. Esta sociedade onde ainda o snobismo predominava, tem rapidamente dilatado o seu campo de movimento n'uma actividade permanente. Viaja em todas as epochas do anno e vae a toda a parte onde encontra conforto, distrações ou originalidade.

De verão para nas grandes altitudes da Suissa, percorre as montanhas da Escessis, admira no Cabo Norte o sol da meia noite e respira ao largo o ar do mar. No inverno emigra como aves de arribação para as zonas temperadas em busca do sol e d'uma primave-

ra constante. Percorre as estações da Riviera, joga em Monte Carlo, passa em Nice o Carnaval, ou divaga pela Italia, entre Florença e Napoles.

Mas como ainda por alli o inverno faz sentir a sua influencia é em Africa que se procura o conforto d'uma temperatura melhor. O Cairo é já uma estação d'inverno quasi normal e por demais conhecida.

O mundo viajante espalha-se por outras regiões. Tunis, Cartago, Constantina, são já simples pontos de partida. Biakra, um lindo casis do deserto do Sahara, é actualmente uma estação de inverno muito em moda. Ainda outras regiões do Sahara são já annualmente percorridas por milhares dos forasteiros que constituem essa população fluctuante que por toda a parte espalha o seu dinheiro e os seus habitos de elegancia.

Ora nós podemos considerar sem vislumbres de vaidade patriótica que, por muitos encantos que offereçam essas regiões da Africa do Norte e outras da Asia, que procuram já attrahir esse prospero elemento viajante, ha no nosso paiz alguma cousa que, com vantagem, lhes prevalece. As paizagens do nosso Minho, as regiões curiosas de Traz-os-Montes, que a nova linha de Bragança vae pôr em evidencia, a cordilheira da Serra da Estrella, os campos do Ribatejo, a situação climaterica do Algarve, as estações bágneares e muito mais se offerece á iniciativa e actividade para que d'ahi tiremos um proveito immediato sem grandes esforços, sem sacrificios consideraveis.

O viajante vae aqui ou acolá não por iniciativa propria, mas attrahido pelo reclamo e pelas commodidades que lhes facultam os paizes que o solicitam.

Os que viajam conhecem bem os processos empregados para chamar a attenção e orientar o espirito do viajante para este ou aquelle paiz. E mesmo dentro de cada paiz as differentes regiões se disputam a concorrência dos forasteiros.

Seria superfluo considerar que entre nós nada se faz n'este sentido. Algumas vezes se tem promovido excursões ao estrangeiro, a Madrid, Sevilha, Barcelona e até mesmo a Paris, sem grande resultado. O que para nós se torna necessario é precisamente o contrario. E' ir aos grandes centros promover as excursões ao nosso paiz. Crear lá fora com o auxilio do governo, dos municipios, das companhias de caminho de ferro, dos hotéis e do commercio um bom systema de propaganda. Fazer pela nossa terra o que no estrangeiro consegue a mais simples estação perdida entre duas montanhas ou occulta entre os rochedos da beira-mar.

Escriptorios de informações, sociedades de desenvolvimento, syndicatos de iniciativas, cartazes, annuncios nos jornaes e principalmente nos caminhos de ferro redução de preços e augmento de velocidade e de conforto, são os principios elementares para um paiz attrahir a si os forasteiros e d'elles colher os elementos para o seu desenvolvimento, prosperidade e riqueza.

M. F.

LIVROS

Ao illustre poeta Lopes Vieira, a proposito da sua versão e adaptação do monologo do Vaqueiro, de Gil Vicente.

Presado confrade:

Por um destes felizes casos, quando me chegou ás mãos a sua ultima produção, lia eu o prologo do *Gladiador de Ravenna* (*Der Fochter von Ravenna*) tragedia de Friedrich Halm, (barão de Münch-Bellinghausen), traduzido livremente do allemão para a nossa linguagem vernacula, pelo illustre escriptor que foi Latino Coelho.

Confesso lhe que colhêra de tal leitura uma perfundissima impressão de desalento.

E' que Latino, na synthese de que fez preceder a sua obra, tem verdades como estas:

«Portugal é uma das raras gentes que com uma vida nacional tão cheia

de inopinados e formosos episodios, não soube jámais trasladar para a scena os quadros epicos ou os graciosos paineis, que a musa patria deixou memorados nas suas hribantes epopeas ou no canoro discretoar dos seus poemas pastoris.

Por um paradoxo, ainda mal destrinchado, a poesia portugueza esmerou-se toda na tuba e no arrabil. Virgilio e os Homerides, Moscho e Theocrito, são os antigos progenitores da sua inspiração. D'elles nasceu a nossa arte litteraria, chegando até nós — pelos italiaos, francezes e castelhanos restauradores da classica antiguidade.

Poesia propriamente popular nunca a tivemos completa, como um facto proeminente, como uma instituição litteraria, intimamente consultanciada com o nosso viver e sentir politico e social, accorde com os varios estadios da nossa carreira historica e servindo de testemunho á nossa evolução intellectual

A Hespanha, tão nossa conjuocta por sangue e semilhaça, não se sabe por que lei, vivendo ella na mesma athmosphera connosco, desde o berço das monarchias peninsulares, tendo como nós as luctas da reconquista, as forçadas influencias do espirito musulmano, as empresas cavalheirosas dentro do seu proprio territorio, e as remotas expedições e aventuras em demanda de ignotas regiões e novos climas, nos offerece, desde a primeira alvorada da sua litteratura, os exemplos de todas as transições, porque passa n'um povo, dotado de genial inspiração, a continua metamorphose da sua civilização litteraria.

O seu poema do Cid não tem criação correspondente e parallela n'este nosso canto da peninsula.

Desde as coplas informes e barbaras de Mingo Revulgo, desde as eclogas dramaticas de Juan de la Encina, o theatro castelhano, como de uma semente fecunda, lançada em torrão fértil, germina, cresce, prospera, florece, e fructifica, dando-nos copiosas e sasonados menses em Caldeiron, no divino Lope, em Rioja, em Tirso de Molina, em Moratin, nos inumeraveis poetas gramaticos da nossa idade, desde o classico Martinez de la Rosa e o severo Quintana até o privilegiado poeta do *Trovador* e de *La vengança catalana*. Tão cheia se fez a corrente do theatro castelhano que veio a trasbordar fora da madre, e a regar com as suas aguas a scena estrangeira. Com os rebentos superfluos d'aquella arvore ramosa e feracissima se enxertou o theatro francez.

A Allemanha não se envergonha de citar entre os antepassados litterarios dos seus mais famosos dramaturgos os mais claros luminares, do drama castelhano. E Schlegel, que fazia fé e auctoridade em assumptos do critica lá disse na sua *Historia da litteratura antiga e moderna* que «quanto ao merito de originalidade nacional tem a litteratura hespanhola, entre as demais, o primeiro posto; e talvez o immediato haja de pertencer á litteratura ingleza».

Nós, os portuguezes, que demos á Europa moderna a primeira epopea, se atentamos na grandesa do seu objecto e no sublime da sua concepção, posto que na perfeição e graça dos ornatos se lhe avantege o poema de Tasso, não se comprehendem, porque razão não podemos fundar theatro, que fosse nosso por berço e feições proprias.

Gil Vicente esperou mais dois seculos porque viesse Antonio José assentar o segundo marco milliaro n'esta quasi deserta estrada do engenho dramatico nacional. Antonio José aguardou mais de cem annos até que após o dilatado eclipse das nossas letras, surgisse Garrett com o intento generoso, mas frustrado de chamar á vida as desfallecidas musas da scena patria.

Tres homens e tres cyclos, mas de maneira alguma uma escola ininterrupta pela tradição e pelo exercicio continuado da inspiração dramatica. Tres luseiros, scintillando por entre sombras espessas. Em volta de cada um alguns imitadores, buscando formar escola. E nos intervallos o silencio das Gaienas portuguezas, ou a copia servil dos modelos peregrinos.

Depois de Garrett, que parecia augurar dias mais felizes para a arte

dramatica em Portugal, revelaram-se e ainda hoje se manifestam aqui e acolá algumas bem ensombradas voações. São, porém, casos esporadicos. Theatro portuguez não o temos, nem creio que já agora o veremos no occidente da peninsula.»

Latino escrevia isto em 1870.

Se bem que desde então no theatro nacional se note um forte impulso vitalizador, poderosas tentativas em que avultam os trabalhos de Costa Cascaes, Marcelino Mesquita, Julio Dantas e Teixeira Gomes com a sua comedia lapidar *Sabina Freire*, é certo que theatro genuinamente portuguez ainda o não temos.

Succede-nos o mesmo com a pintura.

Nestes dois ramos da intellectualidade, temos e tivemos importantes vultos de artistas, mas escola ninguem a conheceu nem a conhe-

Em pintura, Columbano poderia ser, talvez, o fundador de uma escola se o seu colorido egualasse a pureza e a perfectibilidade da sua modelação.

Mas, dado que assim fosse, poder-se-hia chamar a tal escola genuinamente portuguesa?

Lá estão os quadros de Velasques a contradictar-nos com o esfumado subtil da sua maneira...

Malhoa, o artista primoroso em cujas télas brilha um sentimentalismo todo portuguez, conseguirá fundar escola?

Creemos que não. Nem o illustre pintor tem semelhantes preoccupações.

Um pintor tivemos, é certo, que neste paiz onde a imbecilidade triumphou e a Arte agonisa, logrou obter para o seu nome as mais lidimas fulgurações da immortalidade.

Chamou-se Silva Porto e foi, entre nós, o introductor do *realismo* na pintura.

Os seus quadros rivalisam em simplicidade e correcção de desenho com os melhores trechos da prosa de Eça de Queiroz.

Thomaz Annuniação foi, sem duvida, um grande paisagista e animalista, mas nas suas preciosas télas paira o convencionalismo caracteristico da epocha romantica em que floresceu.

Os seus animaes e as suas paizagens não impolgam, não transmitem a emoção dominadora que resalta dos quadros de Silva Porto.

Desde o esplendor azulino das atmosferas até ao folhede da vegetação, desde o *gris* esfumado dos longos até ás escabrosidades dos primeiros planos, é tudo tipicamente nacional nos trabalhos deste Mestre.

E' o ceo portuguez que nenhum pintor, a meu ver, jámais soube reproduzir com tanta fidelidade. São as arvores que a cada passo alcançamos com a vista, os terrenos a cuja visão, desde a infancia, nos habituámos que elle retratou magistralmente.

Por isso os quadros de Silva Porto são como janellas encaixilhadas pelo oiro das molduras, donde nos fosse dado contemplar a natureza.

Nos *Campinos*, na *Barca de passagem em Serebeis* e em todas as suas telas, ha tanta verdade, tanto realismo, como nas boas paginas de Julio Diniz.

Mas Silva Porto apenas deixou um discipulo, o Ezequiel, artista de raras aptidões e alma nobilissima que, em outro paiz poderia ser um continuador do Mestre mas que, em Portugal, está como tantos outros, reduzido ao prosaico trabalho do magisterio nas escolas industriaes...

Expostas estas razões, escuso de encarecer ao meu presado confrade o jubilo que me troxe o seu primoroso trabalho que, sendo a continuação dos seus triumphos titterarios é, ao mesmo tempo, um caloroso brado de incitamento a quantos, na republica das letras, labutam no difficilissimo ramo do theatro.

Nós, mal conheciamos a figura varonil e franca do Vaqueiro, de Gil Vicente...

Ir busca-la ao idioma castelhano, livrar tão peregrina joia da patine dos seculos e das asperesas da lin-

gua de Cervantes é um revelante serviço prestado á arte nacional.

Felicitando-o, agradeço, cordealmente a sua valiosa offerta.

Lyster Franco.

CARTA DE FARO

SOL, LUAR E SCIENCIA.—PÉGASSO, COICES E POESIA.—ALIMARIAS MYTHOLOGICAS —MEDUSA, PERSEU E AS MEIDAS DO SR. SOARES BRANCO—A POLICIA «CACIQUEIRA», OS «SOLIPEDES» DE DOIS PÉS E MUITAS OUTRAS RARIDADES—«ALAZÕES», «BAIOS» E «ZAINOS»—CAVALLOS, CAVALLINHOS E «CAVALLICOQUES»—OS GANHÕES, OS ADUBOS E A CHANCELLA DO KAISER—SER OU NÃO SER... CAVALLO!—NÓS E O SR. DIAS COSTA—«AS VIAGENS DE GULLIVER», O «PAIZ DOS HUYHNHIMS» E AS RUAS DE FARO—A REGRESSÃO MYTHOLOGICA VENUS E VULCANOS, «CLUBS» E VALSAS—GHARIVARI & ARANHÃO—O QUE ELLES FAZEM E O QUE ELLES FIZERAM—UM POUQUO DE HISTORIA CONTEMPORANEA—DO MERCAÇO DO PRIZE Á PRAÇA DA VERDURA—LARANJAS, HORTALIÇAS E... OEDICAÇÃO—O HORRIPILANTE ESPECTRO DA LOUCURA E O MICROBIO «VASCONCELLONICO»—A INVENÇÃO DO «NICOLISMO»—O NARIZ DO SR. PEQUITO, A MOCIDADE ESPERANÇOSA, AS EGREJAS E AS AMENDOAS—A MINHA INTERESSANTE VISINHA... MODAS E CONFECÇÕES, ETC. ETC. ETC.

Até meados da semana, um tempo ultra magnifico!

Dias cheios de sol, noites mais cheias de lua que de sciencia estão recheados, desde o bucho ás outras visceras, os illustres pedagogos *marabais*!

Com um tempo destes, mesmo perante a expectativa de se apanhar, do Pégasso, uma poeta de coices, sente-se a gente poeta desde as *unhitas* dos pés até á pontinha dos cabellos.

Mas não vá agora o leitor ignorante suppor que o Pégasso é para ahí qualquer *chefelho* politico, do quilate de muitos que conhecemos de gingear!

Não senhor. O Pégasso,—longe de ser uma dessas cavalgadas politicas que, ao sentirem picar-lhes na barriga a cevada *honesto e laboriosamente* ganha, são capazes de atirar *rasteiras* até ás proprias estrellas,—era uma alimaria mythologica.

Nasceu do sangue de Medusa esquarterada por Perseu que, nesses bons tempos fabulosos, fez o mesmo que o sr. Soares Branco intenta fazer ao *calote* nacional, com as suas numerosas medidas fazendericas.

Quanto a alimarias politicas será talvez melhor não bulir em tão melindroso assumpto, podemos offender modestias...

De mais, toda a gente sabe que a politica *caciqueira* é, em geral, o *refugium peccatorum* de todos os *solipedes* com dois pés, desta mui nobre e leal cidade da Virgem.

Pois é. Uns como *mandões*, outros como simples *pous mandados*, todos se vão governando como Deus é servido e os homens consentem.

Desde os bellos *alazões* doirados, *faç' alvos*, com *bons brancos*, aos *baios rodados*, com *vicios redhibitorios*, até aos *zainos* com e sem *jolheiras* e de *orelhame arrebitado*, de tudo se encontra cá pelo *curral* do concelho.

Se até nem faltam os miseros *cavallos lazarentos*, moralmente fallando, entenda-se, que, depois de terem pastado livremente nas campinas dos varios partidos, se recolhiam, por fim, contractos, de orelhas murchas e cauda pendente, á farta mangedoira de *quem mais dá*, seja para sustentar vaidades balotas e fífias que não resistem a uma chicotada da Critica, seja para avolumar o *pé de meia* com mais alguns patacos ganhos sabe Deus como!

Se, da politica, passarmos ás repartições cidadinas, varios *estabulos* encontraremos onde se albergam *cavallicoques* só bons para o *esfolia*, que nem conhecem o dono e só sabem tomar o *freio nos dentes* ou *chapar-se* pelas causas mais insignificantes!

Tambem se encontram *cavallos* já sem prestimo, velhos, derreados,

com fálhas de pello, mas que, por vaidade estulta, ainda tentam illudir a credula humanidade, pintando-se e repintando-se com cortiça queimada e azeite de phoca.

São, alguns, já tão batidos que mal podem ter-se em pé.

Felizmente o mal não é geral. Por exemplo, alli, na horda dos *ganhões* do estabelecimento da alameda, ha exemplares tão validos e prestaveis que desbancam, em qualidades substanciaes os melhores adubos conhecidos, ainda que tragam a chancela veridica do governo do Kaiser.

Quanto a *caballos de estado* não fellemos. Topam-se a todas as esquinhas e com melhores ou peores arreios.

E que ninguem se espante com esta minha erudição em materia *cavallar*.

E' que eu, modestamente confesso, se nunca me senti cavallo ou, pelo menos burro, experimentei grande desgosto ao perceber esta minha inferioridade que, tal qual como ao sr. Dias Costa, me tornou sempre renitente a *puzar á carroça ou a dar cavallaria!*

Mais ainda. Estou convencido de que o bom do Jonathan Swift colheu, em certas ruas de Faro, a inspiração para algumas das suas mais bellas paginas das *Viagens de Gulliver*, quando falla do *Paiz dos huyhuhns...*

Mas voltem os á mythologia. A tal respeito, aqui á puridade dizemos que se notam grandes tendencias de regressão aos velhos tempos da Fabula.

Se não podem chamar-se positivamente *Venus* todas as damas que nos *Club* nos concedem a gentileza de uma valsa, Vulcanos não faltam, assim como outros personagens mythicos.

Estão, em especial, empenhados neste resurgimento de velharias symbollicas duas personalidades das mais *graúdas* cá da cidade.

Uma é o fiel Achates do sr. *Em birra*, outra é... pasmee oh gentes!—aquelle famigerado sr. Aranhão das *carretilhas*, especie de manhoso pyrotechnico da policia, perito em *foquetes de lagrimas, bichininhas e busca-pés!*

Sabia toda a gente e até eu, que estas duas *ovelhinhas ranhósas* do aprisco regenerador haviam tido seus *dares e tomares* em epochas recentes; sabia-se que ainda hontem mutua e honradamente se descompunham com *elogios* capazes de fazerem córar a celebre preta Carucha que Deus aja, mas o que ninguem sabia, nem eu proprio, apesar de *habitué* de todos os *cabacos* indigenas, era d'aquella adoravel reconciliação *au plein air*, com amplexos, beijocas e troca de *marfínhas de cabelo*, alli, em pleno *paimeiral*, naquelle trajecto facil que vae do mercado do peixe á praça da verdura.

Antes assim. Realmente era uma calamitosa desgraça aquella divorcio politico entre duas tão importantes mentidades, cada qual no seu genero, já se vê.

Nós, quando tal soubemos, agradeceremos logo aos deuses tão assignalado milagre, digno de um registro de oiro no agiologio do *henriquismo*.

Parabens, Charivari, amigo! Feitas as pazes, ei-los agora em plena *lua de mel* da reconciliação. Que extremos! Que affecto! Que entranhada dedicação!

E' da gente se enternecer até aos tutanos!

Hero e Leandro, Amor e Psyché, Castor e Pollux e até os proprios *Irmãos Siamezes*, nem mesmo duplicando seus affectos logriariam excedel-os!

E' vel-os em pleno mercado de peixe.

Dirige-se o sr. Aranhão ao Antonio Carlos, ao Henrique Fartura ou ao José Calão, a apreçar o peixe e logo sorridente, com um affectuoso brilho de ternura a humedecer-lhe os olhinhos, se aproxima o Charivari recommendando ao peixeiro:

—Baratinho e bom, hein? E' cá para este velho amigo!

Sensibilizado por tamanhas e tão evidentes provas de inquebrantavel e particular estima, logo, em plena praça da verdura, mestre Aranhão se desobriga do favor...

Vae o nosso dedicado compadre Charivari comprar hortaliça ou fructas?

Pois logo junto da *tia marqueira*, do José Bruxo ou da Gertrudes, se ouve a voz pastosa do sr. Aranhão recommendando:

—Coisa boa, hein? E em conta, que é cá para este prestimoso amigo!...

E assim por diante.

Mas isto é o menos!

O mais são as confidencias, os segredinhos, alli, em plena praça ou, por entre as arvores, á sombra das palmeiras onde não canta o sabiá, mas que as gaiotas, por vezes salpicam com os excessos do seu *naturalismo*.

Fazem queixas mutuas, protestos do mais puro, do mais acrisolado e mutuo affecto!

E a tal ponto chega o desaforo que toda a gente pasma e fica... *enternecida* perante uma tão perfeita intimidade!

Eu, confesso, tambem não deixei de maravilhar-me, não só pelo que deixo exposto mas ao saber do *peixe*, do *cascarrão* que o meu sublime compadre Charivari deu ao ler no *Heraldo* ultimo os bons conselhos que lhe davamos como seu dedicado amigo que sempre fomos mesmo nas occasiões mais criticas e quando o *microbio vasconcellonico* fazia cirandar lhe em volta o horripilante espectro de loucura!

De resto, em que offendemos nós o *importante* sr. Charivari?

Em chamar-lhe chefe do *Nicolis* mo?

Ora adeus, amigo e compadre! A piada nem ao menos tem foros de original.

Sabe quem a inventou, Charivari amigo?

*Redd Caesari quae sunt Caesaris, et quae sunt Dei Deo!*

Foi o seu dilecto, o seu dedicado

Aranhão, naquelles tempos da conspirata politica em que poz pelas ruas da amargura o *nosso* amigo Netto e em que andou ás cabeçadas com o proprio sr. Cabeçadas!!

Aquelle illustre varão foi o primeiro entre os primeiros a pregar o schisma politico contra o patriarcha da rua dos Ferreiros.

Ainda me recordo perfeitamente de estar, uma tarde, cigarreando no *club dos lacraus* e conversando, por signal, com o Jacinthinho, quando mestre Aranhão, entre improperios e maldições á veneranda mioleira do então futuro morador da *Travessa do falla só*, tirou do bolso varios documentos que, á parte a orthographia e a redacção dignas daquelle sr. José Lourenço prestigioso orador da Liga do Alecrim, visavam:

Primo—A apear o sr. Netto de *uma chefia que elle*, como Napoleão, *tomára* com as proprias mãos.

Textual.

Secundo—A organizar sob as indicações do sr. Teixeira de Sousa, nucleos do partido regenerador dos quaes haviam de sair os *centros* que seriam a móla real de toda e engranagem.

Tertio—A provar que mestre Charivari era, simplesmente, um *sacripanta* muitissimo grande; que punha e dispunha do sr. Netto como o sr. Beirão do seu proprio nariz e que—oh! offensa cannonica!—nem o sr. Netto, nem qualquer dos seus amigos eram regeneradores de lei mas sim *nicolistas* isto por voçê, Charivari amigo, em tudo metter o seu zeloso e honrado bello, toda a politica ser feita sob a sua *intelligente* direcção e debaixo do seu typico chapeo de côcol

Tudo isto é textualissimo e ainda está bem presente na *cachimonia* da muita gente boa.

Ora, em presença do exposto, que mal lhe fazemos nós consignando factos de que todos ainda se recordam?

Ora, pois! Note-se que temos estado, por enquanto, a chalacear como o caso, no intuito de desopilar a *figadeira!*

Que o successo não é para menos amigos *mios!*...

Contado o mais importante acontecimento da semana, direi que este ultimos dias teriam sido, realmente de uma ardençia terrivel se toda a cidade não estivesse sob o abrigo protector do famigerado nariz do sr. Pequito que anda correndo o Algarve.

S. Ex.<sup>a</sup> á janella do hotel, despreocupado e sorridente e, todos nós, a enchel-o de graças pelo seu excellente, magnifico e descommunal nariz que assim nos servia de toldo abrangendo toda a cidade, chegando mesmo até Ludol!...

De resto, mais nada que mereça referencia.

Um tanto mais animados os *cabacos* graças ao regresso temporario dos esperanzosos mancebos indigenas que lá pelo reino de Portugal andam a civilisar-se.

Muito concorridas as igrejas e

ve é ter *tantas* acções em tal companhia, geralmente estrangeira, e do resto não se cuida. Por isso, tudo assim vae. Desapparece o movimento das nossas praças e quasi se acha deserto e perdido o nosso porto, que em outro tempo foi um dos mais frequentados.

E aqui tem o meu amigo de que nos serve ser esta cidade uma das maiores e mais lindas do Algarve e de muitas outras do pais... (4)

\* \* \*

Iamos no fim do almoço, quando a um arrastar de pés, no tapete, *Transval* se erguen, sacudindo a juba negra em demonstração festiva, e se aproximou da porta que, abrindo-se nesse instante, fez soar a campainha de alarme.

(4)—«E' linda a cidade de Tavira—quanto pode ser linda uma cidade de Portugal, onde o gosto mal começa de desopilar por entre as cerradas nuvens do nosso primitivismo retrogrado».

(Sr. Ferreira Moutinho—*O Algarve*, pg. 72).

«O conjuncto é delicioso e empolgante, lembrando-nos a formosura natural da região mi-nhoisa».

(Sr. J. Augusto Corrêa—*Cidades de Portugal*).

## GRANDE FABRICA DE BORDADOS SUISSOS FINOS

Deseja estabelecer em todas as cidades de Portugal, representantes (homens ou senhoras) para vender os seus bordados, tiras e entremeios, vestidos, blusas, lenços, etc., a freguezia particular.

ALTAS NOVIDADES — ULTIMAS MODAS DE PARIS  
ESPECIALIDADES MAGNIFICAS

25 % de commissão. Preços em Reis portuguezes. A' fazenda paga a excepção ao correio. Expedições franco de porte. Bonificação dos direitos de alfandega. Correspondencia em portuguez. Dirigir-se a

Z. G. 544 RUDOLF. MOSSE S.<sup>t</sup> GALLEN, SCHWEIZ  
(35)

os estabelecimentos que vendem amendoas.

E' a praxe.

Agora que estou escrevendo, nublou-se o tempo o que deu ensejo á minha interessante visinha de ir visitar as igrejas com o seu elegante casaco comprido e largo, de bellissimo velludo *mousseline*, que lhe fica a matar, com os seus canhões altos e a sua grande golla donde parece emergir, ainda mais lindo, o seu fino rosto de boneca, ensombrado pelo maior *cloche* de feltro com folhagem e fitas que meus olhos mortaes tem contemplado!...

Mas... basta, por hoje, de maçada.

No proximo numero continuarei caturrando, o que não impede que, já mesmo neste fique desejando *bóas festas* a todos os meus numerosos leitores, sem distincções de côres politicas nem de crenças religiosas.

Até para a semana.

Senanpídio.

### Subsidios

Foram concedidos os seguintes subsidios:

Junta de Parochia da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Querença, 1500000 réis.

Junta de Parochia da freguezia de Nossa Senhora da Encarnação, de Villa Real de Santo Antonio, 5000000 réis.

Junta de Parochia de Odeaxere, 1000000 réis.

Junta de Parochia da freguezia de São Thiago de Tavira, 5000000 réis.

### Volta ao mundo... em poucas linhas

Volta a ser discutido o problema da despopulação da França.

O millionario Rockefeller resolveu consagrar a maior parte da sua fortuna a obras de caridade.

Realiza-se em junho a eleição do presidente da Republica Argentina.

Está elaborado o projecto que torna extensiva á Alsacia o Lorena a constituição da Alemanha.

Falleceu o burgomestre da Vienna do Austria.

Está em actividade o Etna, tendo-se sentido nos proximidades abalos da terra.

### NOTICIAS PESSOAS

Fazem annos:

Hoje 27—D. Maria Adelaide Mariobo, D. Izabel Maria Franco Judice Cayaco, D. Isaura Esther C. Conceição, D. C-leste Torres Samuel, Ruab, Antonio Soares da Fonseca, Christovão Ayres

Segunda, 28—D. Maria do Carmo de Mondança Mello e Sabbo.

Terca 29—D. Emilia Laura de Sousa Coelho, D. Anna Vidal Leolla, Manoel Victor Freito Tavares Bello.

Quarta, 30—D. Rachel Sequerra, Jeronymo Bivar, Dr. Joaquim Rodrigues Davim.

Quinta, 31—O. Maria de Jesus Peodedo, Carlos Primo Guimarães Marques.

Sesta, 1—D. Roquelina Faria, D. Maria das Dores Sanchez Barrot, D. Hersilia Ghira Lima.

Tem estado bastante doente a esposa do sr. Alvaro Mendes Torres, secretario da administração d'esto concelho.

Estão em Tavira onde vieram gozar as festas da Semana Santa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda Clumbinho e seu filho e os srs. Filippa de Aragão Ribeiro e seu filho Jorge, João de Mattos Cruz, José Pedro Vieira, Joaquim Aboim.

Acompanhado de seu pae, que veio restabelecido regressou de Lisboa o sr. Bernardino Pires Franco, tenente ajudante d'infantaria 4.

Regressou de Lisboa a sr.<sup>a</sup> D. Emilia Rosa Cruz.

Regressaram de Lisboa as sr.<sup>as</sup> D. Maria das Dores e D. Joaquina Coutinho.

Regressou de Moura, onde esteve alguns dias a sr.<sup>a</sup> D. Luiza Adelaide de Freire Quadros.

Acompanhado de sua familia retirou para Beja o sr. coronel Anjos Mariobo, comandante de infantaria 4, que ali vao commandar por algum tempo a 8.<sup>a</sup> brigada de infantaria.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Regressou de Lisboa á Mexilhoeira Grande o nosso amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Com o vinho succede outro tanto. Poderiamos produzir igualmente ao Douro. Qual historial Não somos capazes de sair da rotina em que vivimos, desde o principio do mundo, não obstante a força alcoolica dos nossos ser superior ou pelo menos igual aos do Porto e muito melhores que os estrangeiros, com excepção dos de Lissa e Marsala aos quaes só os da Madeira excedem...

—Peua é, pois, que os capitães algarvios não auxiliem estas promettedoras e felizes culturas...

—Qual? Aqui só se pensa em amontoar capitães para os transformar em papeis de credito. Ser rico no Algar-

poucas vezes lhe préguei eu a boa doutrina; do pulpito da sua igreja, quando vossemecê era mordomo da confraria dos Passos! E num geito muito peculiar ser, arreganhando-lhe os labios:

—Veja lá se me conhece agora...

E o Luis batendo o dedo uuma sacudidela da mão direita:

—Agora, agora... E' o *padra* *quin'annista*, hospede do sr. conde...

O conego Nogueira sorriu condescendentemente e, passando o lenço encarnado pelas suas realissimas ventas, confirmou:

—Assim me chamavam vossemecê, os *judens* d'Agueda, é verdade, quando eu tinha o prazer de lá ir passar as ferias...

—Bons tempos, ó Nogueira—chocarienu o Fuzzeta.

—Faça favor de não me provocar, que as nossas relações estão absolutamente cortadas... por hoje.

Eu sorri-me do desabafo do dr. Nogueira, que promete interromper relações com toda a gente e afinal, em lhe passando a *onda*, está de bem com todos.

—Mas que foi-isso; digam lá. Ora

vossês que não de estar sempre—mal comparado—como o cão e o gato...

—Eu explico—apressou-se o dr. Fuzzeta, alizando com o indicador e o polegar o retouçado bigode castanho escuro.

—Faça favor de ver como conta, e respeite o lugar onde estamos—avisou o dr. Nogueira, indicando com um olhar a pequena servente da hospedaria que se conservava, na sua sollredora pallidez, esperando ordens, junto do aparador.

E o dr. Fuzzeta:

—O caso é este: Numa acção de seperação de pessoas e bens...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

—O' senhores—interveio o dr. João Lucio, alto direito, de bella cabelleira naturalmente frizada, carregando o sobr'olho e estendendo o braço num gesto de autoridade, a que a sua habitual ponderação lhe dá jus—tenham alguma compaixão por estes srs. que de certo não vieram a Tavira pera lhes ouvirem as suas habilitosas rahulices que já iam indispondo o dr. Juiz...

# CASAS

Vendem-se duas moradas de casas: uma na rua de S. Thiago com os n.ºs de policia 2 e 4, com 9 compartimentos, sobrado e grande quintal; outra na rua de S. Lazaro com o n.º 18, com 7 compartimentos, 2 sobrados, quintal, poço e cavallaria. Quem pretender dirija-se ás suas proprietarias na Rua Nova Grande, 55—TAVIRA. 546

## CREADA

Precisa-se nesta cidade, que saiba cosinhar. Não se faz questão de ordenado.

Na typographia do *Heraldo* se diz quem precisa.

## ANNUNCIO

Quem pretender comprar uma posição de verde nos quintaes da Galaria, dirija-se a Verissimo Pereira Paulo. 33

## VENDEM-SE

As propriedades pertencentes a Joaquim Manoel da Palma e João Olias Moreno, no sitio da Corte Velha e nas Choças, freguezia do Azinhal. Quem pretender dirija-se aos referidos proprietarios. 32

## VENDE-SE

Uma morada de casas terras situadas na Atalaya Grande.

Quem pretender dirija-se em Faro a A. Christovão da Conceição ou em Tavira, a Joaquim R. Chagas Faria.

# CASAS

Vendem-se ás seguintes: uma morada de cazas altas ua Rua do Poço da Pomba, duas terras na Rua d'Oliveira, uma terra na Rua do Fumeiro, e outra no Alto de S. Braz.

Quem pretender dirija-se a Antonio da Conceição Chaves. Largo d'Alagôa—Tavira. 31

## ARMAZEM

Vende-se metade nas cabanas da Conceição. Trata-se com José Pedro Vieira. 38

## AFINADOR DE PIANOS

Encontra-se nesta cidade o já bem conhecido afinador e concertador de pianos, Lourenço Alves Garcia.

Garante os seus trabalhos, ao que o autorisa a sua longa pratica. Dá optimas referencias. Pode ser procurado no *Hotel Calça*. 37

## VENDEM-SE

Uma morada de casas terras na rua de S. Lazaro em frente da rua das Pedras, contendo 9 compartimentos dispensa, varanda, quintal, poço, e sahida para a rua nova de S. Pedro.

Uma barca denominada *Maria da Paz*, com o n.º 25, com vella e mais apetrechos respectivos.

Trata-se com Antonio Augusto Soares—TAVIRA. 30

## EXPLICADOR

José Joaquim da Costa Macedo, professor particular d'ensino secundario em Faro, habilita para exame de qualquer das secções do lyceu alumnos externos, singularmente ou em classe; bem como prepara os internos de todas as classes com as lições que hão de epr no dia immediato.

Habilita igualmente em mathematica e sciencias os alumnos externos para exame do curso complementar nos lyceus centraes.

Acha-se igualmente habilitado para preparar alumnos nas materias do 2.º anno do Curso de Telegraphia Pratica afim de fazerem o respectivo exame na epoca propria, em Lisboa abrindo o curso no mez proprio. 42

# ATENÇÃO

**DOMINGOS JOSÉ SOARES,** com estancia de madeiras na rua da Borda d'Agua d'Aguiar n.ºs 23, 24 e 25, acaba de augmentar as accommodações do seu estabelecimento e desenvolver em maior escala, o deposito dos artigos do seu commercio.

Tem os seus armazens abastecidos de modo a poder satisfazer promptamente os seus numerosos freguezes, em madeiras brancas, fiandres e pinhos das melhores procedencias, tabuado de castanho e barrotes, ferragens, tintas, oleos, vernizes, vidraça, ferramentas de carpinteiro e pedreiro, pezos e medidas, simentos das melhores marcas, que vende a retalhos ou em barricas, encarrega-se de quaesquer encomendas de objectos do seu genero de industria, que não tenha em deposito. Sobre preços não receia compenidor, e fará descontos em compras avultadas, encarrega-se de quaesquer construção ou reedificação mesmo de difficil execução, para o que tem operarios habilitados trabalhando na officina anexa sobre a sua direcção, garantindo sempre o irreprehensivel acabamento.

O proprietario do supradito estabelecimento garante a todos os seus freguezes e ao publico, ter sempre em mira o interesse de bem servir antes que o exclusivo interesse pecuniario.

Tem a succursal da agencia funeraria de Fernandes & Fernandes de Faro que fornece funeraes completos, com urnas de mogno, caixão de chumbo, carro funerario, berlinda, tudo de 1.ª ou 2.ª ordem, pelos preços da tabella da mesma agencia que se encontra no seu estabelecimento. 28

## Officina de canteiro e esculptura

DE **Jose da Silva**

Executa com a maxima pontualidade e perfeição todos os trabalhos concernentes á sua arte, taes como:

Jazigos de capella, piramide de cabeceira, urnas funerarias, esculpturas, fogões de sala, molduras para espelhos, pedras para moveis, bancadas para barbeiro, etc., indo o seu proprietario tratar directamente a qualquer terra do paiz, bem como se encarrega de transportes e sua collocação, conforme a vontade do freguez.

Tem sempre feitas em deposito algumas das obras especificadas.

Preços sem competencia e seriedade nos seus negocios

114--R. Magdalena--116

LISBOA (464)

## ENCADERNADOR

Travessa Castilho, n.º 13 FARO

## HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

peia Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 da manhã.

Praça Ferreira de Almeida, 5

FARO

# HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

Proprietarie--FRANCISCO F. GONÇALVES

LISBOA



O mais central e um dos melhores hotéis de Lisboa. Serviço de mesa excellent Quartos com todos os confortos e commodidades, para pessoa só e para familias. Sala para receber visitas.

Entrada: Praça de D. Pedro, 95 (Rocio)

TELEFONE N.º 4165—Luz electrica

## GRANDE FABRICA DE BORDADOS SUISSOS FINOS

Deseja estabelecer em todas as cidades de Portugal, representantes (homens ou senhoras) para vender os seus bordados, tiras e entremeios, vestidos, blusas, lenços, etc., a freguezia particular.

ALTAS NOVIDADES — ULTIMAS MODAS DE PARIS  
ESPECIALIDADES MAGNICAS

25 % de commissão. Preços em Reis portuguezes. A fazenda paga a excepção ao correio. Expedições franco de porte. Bonificação dos direitos de alfandega. Correspondencia em portuguez. Dirigir-se a

Z. G. 544 RUDOLF. MOSSE S. T GALEN, SCHWEIZ (35)

## Bilhetes postaes illustrados

Chegou grande variedade de postaes illustrados a brilho, com o retrato de S. M. El Rei D. Manoel. Vende-se na Tabacaria Popular, de José Maria dos Santos—TAVIRA.



## FAZENDAS PARA PATOS

F. A. GOMES

Praça da Constituição TAVIRA

Grande sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de p antasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

345

# ATENÇÃO

BUENO ROMEIRA

CIRURGIÃO DENTISTA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## BERNARDINO CESAR G. NUNES

Especialistas em tratamento de bocas, tanto em operações como em collocações de dentes artificiaes a 1500 cada

Dentaduras completas 30000 rs.  
Forradas em ouro ou platina..... 50000 »  
A ouro..... 100000 »

Quem desejar de consultas, pode dirigir-se ao *Hotel Avenida*, das 9 horas da manhã ás 10 da noite. TAVIRA 21

ANTONIO MARIA JANEIRO

Mercearias, quinquilharias carnes de porco, queijos cereaes, adubos e palha enfundada

CUBA—ALENTEJO

20

## NOVIDADES LITTERARIAS

### MANUAL DO CHARADISTA

Completa novidade. Livro utilissimo para os decifradores.

PREÇO 300 REIS

Uma viagem á **Costa Azul** (pelo Marechal brasileiro Leite de Castro).

PREÇO 500 REIS

Um interessante livrinho

MISCELLANEA

por Zé de Mello.

PREÇO 100 REIS

Duqueza Laureanna

Para ler de noite.

PREÇO 500 REIS

E o maior successo da actualidade em livraria

Sherlock Holmes

O POLICIA AMADOR

VOLUMES A 200 REIS

JOSÉ MARIA DOS SANTOS TAVIRA

# Libros

No Kiosque das Novidades no jardim publico em Faro, vendem-se todos os livros aprovados para instrução primaria, lyceus e escolas normaes, romances, obras scientificas, postaes illustrados.

Recebem-se diariamente todas as novidades litterarias quo se publiquem.

Grande variedade em livros de todos os generos, tabacos nacionaes e estrangeiros, almanacs, folhetos e canções populares; vende e revende loterias; recebe assignaturas para todos os romances e demais obras.

Aos estudantes fazem-se 5 % de desconto em todos os livros. (512)

## A. M. PAULA

CIRURGIÃO DENTISTA

ROA CONSELHEIRO BIVAR N.º 15

FARO

552

CONSULTORIO MEDICO CIRURGICO

## CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos de Hygiene, Ophthalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Especialidades: doenças dos olhos, bocca e dentes.

Dentes artificiaes

DAS 11 A 1 HORA

(Excepto aos domingos)

LARGO DO PÉ DA CRUZ

FARO

## SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA